

Processos extremos na constituição da cidade: da crise à emergência nos espaços mundializados

Fabiana Valdoski Ribeiro

p. 232–233

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 18, nº 1 (2014)

ISSN 2179-0892

Artigo disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/81105>

Como citar este ensaio:

RIBEIRO, F. V. Processos extremos na constituição da cidade: da crise à emergência nos espaços mundializados. *GEOUSP – Espaço e Tempo (Online)*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 232-233, 2014.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 3.0 License.

Processos extremos na constituição da cidade: da crise à emergência nos espaços mundializados

Fabiana Valdoski Ribeiro

Nos dias 7 e 8 de novembro de 2013, se realizou em Sevilha (Espanha), o congresso internacional intitulado Processos extremos na constituição da cidade: da crise à emergência nos espaços mundializados. Organizado pela Escola de Arquitetura da Universidade de Sevilha e contando com a participação dos pesquisadores do Núcleo de Pesquisas de Urbanização e Mundialização (NAPUrb¹) da Universidade de São Paulo, objetivava refletir sobre os termos da crise urbana e os extremos de um urbano produzido sob a égide do capital.

Em um ambiente multidisciplinar, com a participação de geógrafos, arquitetos, sociólogos e antropólogos e orientados pelas questões que alicerçam o debate nos marcos do projeto NAPUrb, houve a exposição de 13 conferencistas e 12 comunicações. Estas apresentações perpassaram os temas sobre a urbanização e o neoliberalismo, os domínios extremos sobre o espaço urbano, os discursos que sustentam as práticas de expropriação massiva nas cidades, as formas urbanas que representam tais processos, bem como, se abordou as alternativas e as resistências diante das estratégias da produção capitalista do espaço.

Na primeira manhã, Carlos Taipa e Mariano Pérez expuseram os conteúdos dos processos extremos e emergentes, associando o primeiro à generalização do neoliberalismo e o segundo a formas de apropriação e resistência. Quando a dominação do espaço se faz de maneira extrema, observam-se muitas remoções, aparatos de controle, discursos estigmatizantes de grandes contingentes populacionais nas cidades, mas sempre acompanhados de vozes que se levantam contra essas práticas. Após essa conferência, Simone Pecoraco, Carolina Prieto e Natalia Carli trataram de apresentar exemplos de arquiteturas ligadas à crise e ao chamado capitalismo de ficção. Aproximaram-se da crise urbana a partir das cidades fantasmas, das “ilhas” de cidades ideais e das destruições planejadas de muitos loteamentos e edifícios. Por outro lado, apresentava o capitalismo de ficção por meio de paradigmas de cidades, como as extraordinárias formas arquitetônicas de Dubai e o Parque Duisburg-Nord. No entanto, o descontentamento a estes processos se revelam em muitos conflitos com os despossuídos.

¹ NAPUrb – urbanização e mundialização: novos processos de produção do espaço urbano é um núcleo de pesquisa coordenado pelos professores Manoel e Cibele Rizak, do Laboratório de Estudo do Ambiente Urbano Contemporâneo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (*campus São Carlos*), e Ana Fani Alessandri Carlos, do Laboratório de Geografia Urbana do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Financiado pelo Programa de Incentivo à Pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, tem por objetivo compreender o papel estratégico do espaço na acumulação dominada pela financeirização.

Em continuação aos trabalhos, foram apresentadas as reflexões de Ana Fani Alessandri Carlos sobre a produção contraditória do espaço e a de Nuria Benach a respeito do discurso neoliberal e vida cotidiana. Carlos expôs os conteúdos de uma urbanização num país periférico, de uma vida na cidade e a tendência à privação dela dada pela lógica do capital. Seguindo um eixo de análise crítica do processo de urbanização, Benach tratou de destrinchar os elementos de um discurso neoliberal que tenta esconder as contínuas expropriações em pleno momento de aplicação de rígidas políticas de austeridade. Ambas as apresentações convergiram para a necessidade de apresentar alternativas, seja na elaboração de um projeto de cidade, seja abrindo fissuras no percurso do questionamento crítico do senso comum hegemônico.

No segundo dia, as realidades do Brasil, da Argentina e da Espanha também estiveram presentes nos núcleos das reflexões desenvolvidas. Iniciou-se com a abordagem de Manoel Alves sobre os espaços públicos e suas transformações culturais e contradições, dando ênfase aos controles simbólicos e a domesticação do cotidiano a partir de uma arquitetura que projeta espaços normatizados. Logo, Julio Arroyo, vai tratar do processo extremo de privatização do patrimônio público na Argentina e como o setor imobiliário está profundamente envolvido, mudando morfologias espaciais e cindindo a vida urbana. A manhã foi finalizada com a apresentação de Alfredo Rubio, que fez uma reflexão acerca do neoliberalismo, mundialização e o território espanhol em tempos de crise.

As duas últimas conferências foram de Cibeles Rizek e Manuel Delgado. Rizek desenvolveu argumentos sobre o aprofundamento da desigualdade e das contradições urbanas por meio da análise do Programa Minha Casa Minha Vida Entidades. Voltado para os movimentos sociais de moradia, essa linha do programa revela de maneira contundente as margens do Estado, representadas por organizações não governamentais, igrejas etc., bem como a falta de alternativas de ação dos grupos que lutam pelo direito à moradia. Já Delgado, por meio de uma visão da antropologia, fez uma crítica sobre o conceito de espaço público afirmando que ele é usado como uma forma de ideologia para fazer sucumbir a vida urbana.

Além das conferências, houve 12 comunicações que trataram de temas ligados às possibilidades de uma arquitetura e de um urbanismo participativo, os tipos de morfologias e práticas urbanas que estão surgindo como resistência (cooperativas, okupas etc.), as massivas remoções nas cidades dos países periféricos e a permanente luta pelo espaço.

Ao longo do encontro, houve debates proporcionando uma rica interlocução com os conferencistas e o público. Questões sobre projetos arquitetônicos e projetos de cidades, espaço público e espaço privado, Estado e cidadania estiveram em destaque e podem ser vistos nos vídeos editados pelos organizadores do Congresso.

Por um lado, esse Congresso permitiu compreender processos mundializados de precarização da vida dos moradores de cidades através de ações do Estado em prol de uma sistematizada articulação com os setores que fazem do espaço um objeto privilegiado para a acumulação capitalista. Por outro, revela que a resistência e a constante busca de alternativas à crise urbana na qual estamos instalados mundialmente está sempre presente.

Para obter mais informações sobre o Congresso e os artigos dos expositores, acessar a web: <<http://congresoprocesosexremos.com>> (acesso em: 23 maio 2013).